

Sylvia Day

PECADO

Tradução
Jorge André Valido

*Quinta Essência**

Prólogo

Havia algo irresistivelmente excitante em observar homens atléticos num combate físico. A sua natureza básica, animal, é traída pela sua agressividade e pela sua crueldade mais profundas. Através da sua força, os seus corpos exibem um poder que agita os instintos mais primitivos de uma mulher.

Lady Jessica Sheffield não era imune, embora lhe tivesse sido ensinado como se devia comportar uma senhora.

Ela não conseguia tirar os olhos dos dois jovens que lutavam de forma exuberante na relva, do outro lado de um lago estreito e pouco fundo. Um brevemente se tornaria seu cunhado, o outro era amigo dele, um patife cujo semblante perversamente belo o poupava a muitas críticas com que se poderia deparar.

– Gostava de andar aos trambolhões como eles – disse a sua irmã, melancólica. Hester também assistia, de onde se encontravam sentadas, à sombra de um antigo carvalho. Uma brisa suave passava por elas, agitando as folhas da relva que inundavam o jardim da impressionante mansão dos Pennington. A casa situava-se sob o escudo protetor de uma colina arborizada. A sua fachada de pedra dourada e as janelas também douradas a captar a luz solar criava uma sensação de serenidade a todos aqueles que a visitavam.

Jess voltou a atenção para o seu bordado, lamentando que tivesse de castigar a irmã por olhar, quando ela era culpada pelo mesmo comportamento.

– Tal brincadeira acaba para as mulheres após a infância. É melhor não ambicionar o que está para além do nosso alcance.

– Porque podem os homens ser rapazes durante toda a vida, mas nós, mulheres, devemos envelhecer ainda jovens?

– O mundo foi feito para os homens – respondeu Jess, afavelmente.

Sob a aba larga do seu chapéu de palha, ela lançou outra olhadela aos dois jovens cavalheiros que continuavam a lutar. Uma ordem vociferada fê-los parar a briga e fez também com que ela se endireitasse. Todas as cabeças se voltaram ao mesmo tempo e na mesma direção. Viu o seu noivo a aproximar-se dos dois homens mais jovens e a tensão abandonou-a lentamente como o recuo da maré depois do quebrar de uma onda. Questionou-se, não pela primeira vez, se perderia alguma vez o estado de alerta que sentia sempre que a discórdia era evidente ou se ficaria tão bem treinada para temer a ira de um homem que nunca mais se livraria disso.

Alto e elegantemente vestido, Benedict Reginald Sinclair, visconde Tarley e futuro conde de Pennington, atravessou a relva com a determinação de um homem que conhecia bem o poder que exercia. Ela ficou tranquilizada com aquela arrogância inerente a alguém de sangue azul, mas também cautelosa em relação a isso. Alguns homens ficavam satisfeitos com a simples noção da sua própria importância, enquanto outros sentiam a necessidade de a empunhar indiscriminadamente.

– E qual é a contribuição da mulher para o mundo? – perguntou Hester com um beicinho obstinado que a fazia parecer mais jovem do que os seus dezasseis anos.

Jessica acariciou a face da irmã de forma impaciente e afastou-lhe do rosto uma mescla de cabelo castanho.

– É servir os homens?

– É criá-los. – Jess respondeu ao aceno alegre de Tarley. Eles casar-se-iam na capela da família Sinclair no dia seguinte, antes de um encontro cuidadosamente seletivo com a elite da sociedade. Ela ansiava pela ocasião por várias razões, não sendo a menos significativa das quais o facto de se ver finalmente livre dos acessos de raiva imprevisíveis e sem razão aparente do pai. Ela não condenava ao marquês de Hadley o seu direito de acentuar o valor da honra social e o papel dela em garanti-la. Era a maneira dura com que ele corrigia as suas imperfeições que ela própria lamentava.

Hester resfolegou desconfiada.

– Essas são as palavras do nosso velhote.

– E a visão dominante do mundo em geral. Quem poderá saber isso melhor do que nós as duas? – Os esforços incessantes da sua mãe para dar a Hadley um herdeiro custara-lhe a vida. Hadley vira-se forçado a sofrer com outra esposa, uma outra filha, acabando por, finalmente, há cinco anos, assistir ao nascimento do seu precioso filho.

– Não acredito que Tarley olha para ti como uma égua de raça – disse Hester. – Na verdade, acho que ele tem um objetivo para ti.

– Seria uma sortuda se fosse só isso. No entanto, ele não me teria cortejado se eu não pertencesse a uma linhagem adequada. – Jess observou Benedict a castigar o irmão mais novo pela sua brincadeira rude. Michael Sinclair parecia suficientemente arrependido, mas Alistair Caulfield parecia tudo menos isso. A sua postura, embora não abertamente desafiadora, era demasiado orgulhosa para ser de arrependimento. Os três homens juntaram-se: os fascinantes Sinclair com os seus cabelos em tons de chocolate e corpos poderosamente esguios e Caulfield, que se dizia ser favorecido por Mefistófeles, com o seu cabelo escuro e uma aparência diabolicamente atraente.

– Diz-me que vais ser feliz com ele – suplicou Hester, inclinando-se para a frente. As suas íris eram do mesmo verde brilhante da relva debaixo dos seus pés e estavam cheias de preocupação. A cor dos seus olhos era um traço herdado da mãe, juntamente com as madeixas claras no cabelo. Jess tinha os olhos cinzentos do pai. Foi a única parte de si próprio que ele alguma vez lhe dera. Isso não era uma circunstância lamentável na opinião dela.

– Pretendo ser. – Não havia nenhuma maneira de o garantir, mas qual era a necessidade de preocupar Hester desnecessariamente? Tarley fora a escolha do seu pai, e Jess teria de se acostumar a ele, independentemente do resultado.

Hester insistiu:

– Não quero que nenhuma de nós deixe este mundo com o alívio deplorável com que a nossa mãe o deixou. A vida é para ser saboreada e apreciada.

Jess virou-se no banco de mármore em meia-lua em que estava sentada e colocou o bordado com cuidado no saco ao seu lado. Rezava para que Hester mantivesse sempre a sua natureza doce e esperançosa.

– Tarley e eu respeitamo-nos. Sempre gostei da sua companhia e do seu discurso. É inteligente e paciente, atencioso e educado. E é um exemplar extremamente fino de homem. Não se pode ignorar isso.

O sorriso de Hester iluminou o local escuro onde estavam as duas melhor do que o sol poderia ter feito.

– Sim, é. Só posso rezar para que o pai faça uma escolha igualmente atraente para mim.

– Já escolheste algum cavalheiro em particular?

– Não, totalmente, não. Ainda estou em busca da combinação perfeita das características que melhor me assentarão. – Hester olhou para os três homens, que agora falavam com alguma seriedade. – Gostava de um marido com a posição de Tarley, mas com a personalidade mais jovial de Sinclair e a

aparência de Mister Caulfield. Embora acredite que Alistair Caulfield é provavelmente o homem mais bonito de toda a Inglaterra, se não de ainda mais longe, por isso vou ter de me contentar com menos a esse respeito.

– Ele é muito jovem para mim, para o avaliar dessa forma – mentiu Jess, olhando para o objeto da conversa.

– Tolices. Ele é maduro para a idade que tem, toda a gente diz isso.

– Está desgastado por falta de orientação. Há uma diferença. – Apesar de Jess ter sido atormentada por demasiadas restrições, Caulfield não sofrera nenhuma. Com os seus três irmãos mais velhos a ocupar os esperados papéis de herdeiro, oficial militar e clérigo, não havia papel para ele desempenhar. Uma mãe excessivamente zelosa só piorara as suas perspetivas de aprendizagem relativamente a qualquer responsabilidade. Era famoso por correr riscos e pela incapacidade de se manter afastado de qualquer aposta ou desafio. Jess conheci-o há alguns anos e ele tornara-se mais selvagem a cada estação do ano que passava.

– Um intervalo de dois anos de diferença não é nada – argumentou Hester.

– Não quando se compara os trinta com os trinta e dois, talvez. Mas entre os dezasseis e os dezoito? Isso é uma era.

Jess avistou a mãe de Benedict apressando-se na sua direção, um sinal certo de que a sua breve pausa do turbilhão das preparações de última hora tinha acabado. Levantou-se.

– Em qualquer caso, a tua admiração será melhor direcionada para qualquer outro sítio. Mister Caulfield tem poucas hipóteses de servir um objetivo útil nesta vida. A sua posição lamentável de supérfluo quarto filho praticamente garante que ele venha a conseguir muito pouca importância. É uma pena que tenha escolhido desperdiçar a vantagem do seu bom nome em favor de uma vida mundana imprudente, mas é o erro dele e não deve ser o teu.

– Ouvi dizer que o pai lhe deu um navio e uma plantação de cana-de-açúcar.

– É altamente provável que Masterson tenha feito isso na esperança de que o filho levasse as suas perigosas tendências para uma praia distante.

Hester suspirou:

– Às vezes, gostaria de poder viajar para longe, muito longe. Estarei sozinha em tais anseios?

Não, desejava Jess dizer. Ela pensava em escapular-se, de fuga, mas o seu posto estava tão estreitamente definido. Nesse sentido, encontrava-se em maior desvantagem que as mulheres de nascimento comum. Ela era, para além da filha do marquês de Hadley, a futura viscondessa Tarley? Se nenhum deles desejasse viajar bastante, nunca lhe seria dada a oportunidade de o fazer. Mas partilhar esses pensamentos com sua impressionável irmã seria inadequado e injusto.

– Se Deus quiser – disse ela –, terás um marido ansioso por te mimar em todos os aspetos. Tu mereces.

Jess desamarrou a coleira do seu querido cãozinho, *Temperance*, e fez um gesto à criada para recolher o saco. Enquanto passava pela irmã, parou e inclinou-se para lhe dar um beijo na testa. – Observa Lorde Regmont esta noite ao jantar. Ele é atraente, muito charmoso e voltou recentemente da sua grande viagem. Serás um dos primeiros diamantes que ele encontra desde o seu regresso.

– Ele teria de esperar dois anos até eu ser apresentada à sociedade – replicou Hester com mais do que um simples aborrecimento.

– Tu vales a espera. Qualquer homem de bom gosto verá isso de imediato.

– Como se eu pudesse ter opinião no assunto, mesmo que ele me viesse a achar intrigante.

Com um piscar de olho, Jess baixou a voz e disse:

– Regmont é um colaborador próximo de Tarley. Estou certa de que, se Benedict falar muito bem dele ao nosso pai, isso deva tornar-se necessário.

– Verdade? – Os ombros de Hester tremeram com a antecipação febril da juventude. – Tens de nos apresentar.

– Com certeza – assentiu Jess com um aceno. – Mantém os olhos longe do zé-ninguém até lá.

Hester fingiu tapar os olhos, mas Jess esperava que sua irmã regressasse à sua leitura dos homens, assim que a oportunidade se apresentasse. Jess certamente faria isso.

– Tarley está inquieto – observou Michael Sinclair, sacudindo-se e olhando para as costas do seu irmão, que se encontrava de pé.

– Esperavas outra coisa? – Alistair Caulfield apanhou o casaco do chão e sacudiu os restos de relva agarrados ao casaco caro. – Ele vai ter as pernas algemadas amanhã.

– Para o Diamante da Temporada. Não é um destino tão ruim. A minha mãe diz que nem Helena de Troia poderia ter sido mais bonita.

– Ou uma estátua de mármore mais fria.

Michael olhou para ele:

– Que disseste?

Do outro lado da piscina pouco funda do pátio que os separava, Alistair observou Lady Jessica Sheffield cruzar a relva em direção à casa com o seu cãozinho a segui-la. A sua figura esbelta estava envolta do pescoço aos tornozelos numa musselina pálida, com motivos florais, que se colava a ela com a brisa.

O rosto dela encontrava-se afastado dele e protegido do sol por um chapéu, mas ele conhecia as suas feições de memória. Ele ficava sempre irresistivelmente atraído para fixar o olhar em tanta beleza. Muitos homens ficavam.

O seu cabelo era uma delícia da natureza, os fios mais longos e espessos do que o de qualquer outra mulher loira que ele já tivesse visto. As mechas de cabelo eram tão pálidas, quase prata, com nuances de um dourado mais escuro acrescentando riqueza ao conjunto. Ela usara-o solto de vez em quando antes de sua apresentação, mas agora estava tão comedido como a sua própria postura. Para alguém tão jovem, ela tinha o comportamento e a reserva frios de uma mulher mais madura.

– Aquele cabelo claro e aquela pele cremosa – Alistair murmurou – e aqueles olhos cinzentos...

– Sim?

Alistair apercebeu-se do divertimento na voz do seu amigo e engrossou a voz.

– As cores dela encaixam perfeitamente no seu temperamento – disse ele rapidamente. – É uma princesa do gelo, aquela ali. O teu irmão deveria rezar mais para que ela procrie rapidamente ou arrisca-se a perder a pila por congelamento.

– E tu deverias prestar atenção à língua – advertiu Michael, ajeitando o cabelo castanho-escuro com um rápido pentear, usando as duas mãos – para que eu não tome isso como ofensa. Lady Jessica está prestes a ser minha cunhada.

Assentindo distraidamente com a cabeça, Alistair encontrou a sua atenção mais uma vez atraída para a graciosa rapariga que era tão perfeita na sua postura física como na social. Estava fascinado a observá-la e à espera de alguma rachadela naquele exterior macio de porcelana. Perguntava-se como aguentava ela a pressão na sua idade, a mesma pressão a que ele crescera intolerante e contra a qual agora se insurgia.

– Desculpas.

Michael estudava-o.

– Tens alguma desavença com ela? Há uma modulação no teu tom de voz que sugere isso.

– Talvez haja um leve rancor – admitiu bruscamente –, por não ter sido capaz de me ter reconhecido na outra noite.

A sua rispidez foi uma acentuada diferença para com as maneiras daquela outra irmã dela, Lady Hester, que é bastante charmosa.

– Sim, Hester é uma delícia. – O tom de fascínio de Michael era igual ao de Alistair quando falava de Lady Jessica, que Alistair ergueu as sobrancelhas numa interrogação silenciosa. Corando, Michael continuou:

– Jessica provavelmente não te ouviu.

Alistair encolheu os ombros dentro do casaco.

– Eu estava mesmo ao lado dela.

– No lado esquerdo? Ela é surda dessa orelha.

Ele levou algum tempo para absorver a informação e responder. Não tinha imaginado nenhuma imperfeição nela, embora sentisse algum alívio por saber que havia uma. Isso tornava-a mais mortal e menos deusa grega.

– Não sabia.

– Na maior parte das vezes, ninguém se apercebe. Somente quando o ruído é alto, em grandes multidões, é que se torna um obstáculo.

– Agora vejo porque Tarley a escolheu. Uma esposa que ouve apenas metade das coscuvilhices seria uma bênção, de facto.

Michael bufou e começou a dirigir-se para a casa.

– Ela é reservada – admitiu –, mas assim deve ser a futura condessa de Pennington. Tarley garante que há profundezas escondidas nela.

– *Humm...*

– Pareces duvidar, mas, apesar do teu rosto excessivamente gracioso, a tua experiência com as mulheres não é igual à do Tarley.

A boca de Alistair curvou-se ironicamente:

– Tens a certeza?

– Considerando o facto irrefutável de que ele tem a vantagem de dez anos em relação a ti, eu diria que sim. – Michael pôs o braço à volta dos ombros de Alistair. – Sugiro que admitas que a maior maturidade dele provavelmente o coloca numa

plataforma superior, da qual se consegue aperceber de qualidades escondidas na sua própria noiva.

– Desagrada-me admitir seja o que for.

– Eu sei, meu amigo. No entanto, devias reconhecer a derrota na nossa luta greco-romana recentemente interrompida. Estavas a segundos de me ver como vencedor.

Alistair deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

– Se Tarley não te tivesse poupado, estarias a pedir misericórdia agora.

– Oh! Definamos o vencedor com uma corrida até à...

Alistair começara a correr antes da última palavra ter sido dita.

Em poucas horas, ela estaria casada.

Enquanto a escuridão da noite se tornava mais clara, transformando-se no cinzento do início da madrugada, Jessica apertou o xaile sobre os ombros e caminhou com *Temperance* mais para dentro da floresta que rodeava a mansão de Pennington.

Os passos rápidos do cãozinho pisavam o caminho de cascalho solto num ritmo *staccato* cuja familiaridade era tranquilizadora.

– Porque tens de ser tão picuinhas? – ralhou Jess. A sua respiração soprou visivelmente o ar frio, fazendo-a desejar o calor da cama para a qual ela tinha ainda de se arrastar. – Qualquer local devia servir.

Temperance olhou para cima com uma expressão que Jess juraria que era parecida a indignação.

– Muito bem – disse ela relutantemente, incapaz de desobedecer àquele olhar. – Vamos um pouco mais longe.

Viraram um recanto e *Temperance* parou, farejando. Aparentemente satisfeito com o sítio, o cãozinho virou as costas para Jess e agachou-se em frente de uma árvore.

Sorrindo por aquela tentativa de privacidade, Jess virou-se e tomou os arredores, decidindo explorar o caminho mais minuciosamente à luz do dia.

Ao contrário de muitas propriedades onde os jardins e os bosques eram invadidos por obeliscos, reproduções de estátuas e templos gregos, e os ocasionais pagodes, Pennington dava as boas-vindas com uma valorização da paisagem natural. Havia lugares ao longo da estrada onde dava a sensação de a civilização e todos os seus habitantes ficarem a quilômetros de distância. Ela não esperava apreciar tanto aquela sensação, mas descobriu que apreciava, especialmente depois de horas de interações sem sentido com pessoas que se importavam apenas com o título com que ela se estava a casar.

– Devo gostar de te passear por aqui – disse ela sobre o ombro – quando o Sol estiver lá em cima e eu estiver vestida adequadamente para tal atividade.

Temperance terminou a sua ocupação e pôs-se à vista. O cãozinho começou a voltar para a casa, puxando a coleira com impaciência notável, depois de ter levado tanto tempo para encontrar um local adequado para urinar. Jess seguia-o, quando uns sussurros à esquerda puseram *Temperance* em alerta. As orelhas escuras e a cauda ergueram-se enquanto os músculos ficaram tensos, na expectativa.

O coração de Jess começou a bater mais depressa. Se fosse um javali ou uma raposa selvagem, a situação seria desastrosa. Ela ficaria arrasada se algo desagradável acontecesse a *Temperance*, que era a única criatura na Terra que não julgava Jess pelos padrões de que ela se procurava libertar.

Um esquilo correu pelo caminho. Jess relaxou de alívio e deu uma gargalhada, sem fôlego. Mas *Temperance* não se acalmou. O cãozinho precipitou-se, arrancando a coleira da mão de Jess, que afrouxara a força.

– Maldição. *Temperance*!

Num rápido instante de minúsculos membros e peles, as duas criaturas desapareceram. Os sons da perseguição – o res-tolhar das folhas e o rosnar do cão – depressa se desvaneceram.

Levantando as mãos, Jess deixou a estrada e seguiu o caminho de vegetação pisada. Estava tão focada no rasto dos animais que não se apercebeu que iria de encontro a um grande gazebo até estar quase a correr lá para dentro. Desviou-se para a direita e...

Uma gargalhada gutural de uma mulher quebrou o silêncio. Jess quase tropeçou ao travar, assustada.

– Depressa, Lucius – apressava a mulher, ofegante. – Trent vai notar a minha ausência.

Wilhelmina, Lady Trent. Jess estacou, imóvel, mal respirando.

Ouvia-se um lento e arrastado ranger de madeira.

– Calma, querida – retorquiu uma conhecida voz masculina num hábil tom arrastado. – Deixe-me dar-lhe aquilo pelo que pagou.

O gazebo rangeu novamente, mais alto desta vez. Mais rapidamente e com mais força. Lady Trent deu um gemido esganiçado.

Alistair Lucius Caulfield. Em flagrante com a condessa de Trent. Oh, céus. A mulher era quase uma vintena de anos mais velha. Bonita, sim, mas com idade para ser mãe dele.

O uso do seu nome do meio foi surpreendente. E, talvez, dizer...? Para além do óbvio, talvez eles fossem íntimos num sentido mais profundo. Seria possível que aquele velhaco do Caulfield tivesse um caso com a encantadora condessa, o suficiente para que ela tivesse razão para chamá-lo por um nome não utilizado pelas outras pessoas?

– O senhor – ronronou a condessa – vale cada xelim que eu lhe pago.

Céus. Talvez não completamente uma intimidade, mas... um negócio. Uma combinação. Com um homem a fornecer os seus serviços...

Desejando aproximar-se sem se deixar mostrar, Jess deu um passo hesitante para frente. Um ligeiro movimento no gazebo fê-la estacar mais uma vez. Os seus olhos estreitaram-se, lutando para superar a insuficiência de luz. Tinha a infelicidade de estar banhada pelo fraco brilho do quarto minguante, enquanto o interior do gazebo ficava resguardado pela sombra do telhado e das árvores em volta.

Viu uma mão agarrando um dos postes que apoiavam o teto abobadado e outra um pouco acima dela. As mãos de um homem, agarrando o poste com a determinação de quem tem um objetivo. Pela altura delas na trave, ela sabia que ele estava de pé.

– Lucius... Pelo amor de Deus, não pare agora.

Lady Trent estava presa entre Caulfield e a madeira. O que significava que ele estaria de frente para Jess.

Os reflexos na escuridão traíram-na num piscar de olhos. Ele viu-a. Olhava, na verdade, fixamente para ela.

Jess desejou que o chão se abrisse e a engolissem inteira. O que deveria dizer? Como se deveria agir quando se é apanhado em tal situação?

– Lucius! Amaldiçoado... – A madeira resistente choramingava em resposta à pressão que era exercida. – A sensação do seu pau enorme em mim é deliciosa, mas muito mais quando ele se mexe.

Jess levou a mão à garganta. Apesar do frio, descia-lhe suor pela testa. O horror que ela devia ter sentido ao encontrar um homem envolvido num encontro sexual era completamente inexistente. Porque era Caulfield, e ele fascinava-a. Era uma terrível espécie de atração, a maneira como ela o via, uma mistura de inveja da sua liberdade e de horror para com a facilidade com que ele ignorava a opinião pública.

Tinha de sair dali antes que fosse forçada a deixar Lady Trent aperceber-se da sua presença. Deu um cuidadoso passo em frente e...

– Espere! – a voz de Caulfield era agora mais rude.

Ela estacou.

– Não posso! – protestou Lady Trent, sem fôlego.

Mas não era com a condessa que Caulfield falava.

Uma das mãos dele estava estendida para Jess, aberta, como a pedir-lhe que ficasse parada. A ordem deixou-a atônita e fê-la ficar imóvel.

Durante um longo momento o seu olhar permaneceu fixo no brilho das íris gémeas dos olhos dele. A respiração dele tornou-se áspera e audível.

Então, ele agarrou, de novo, o poste e começou a mover-se. As suas investidas eram lentas no início, tornando-se, depois, mais vivas, com um tempo certo de intervalo. Os protestos ritmados da madeira golpeavam Jess de todos os lados.

Ela não conseguia ver mais nenhum pormenor, para além daquelas duas mãos e daquele olhar fixo brilhante que ardia com um calor visível, mas os sons que escutava enchiam-lhe a cabeça de imagens. Caulfield nunca tirou os olhos dela, mesmo enquanto investia tão furiosamente que ela se perguntou como poderia a condessa ter prazer com aquela violência de movimentos. Lady Trent encontrava-se quase incoerente, palavras grosseiras de exaltação saindo dos seus lábios entre agudos gemidos.

Jess estava dilacerada por esta exposição a um encontro sexual que ela ignorava na sua maior parte. Ela conhecia a mecânica; a sua madrastra tinha sido muito minuciosa. «Não se encolha ou chore quando ele entrar em si. Tente relaxar, que isso lhe diminuirá o desconforto. Não faça qualquer som de nenhum tipo. Nunca reclame.» E Jess tinha ainda visto os olhares sabidos das outras mulheres e ouvira sussurros atrás dos leques que deixavam antever mais coisas. Agora ela tinha a prova. Cada som de prazer de Lady Trent ecoava nela, apunhalando-lhe todos os sentidos como uma pedra saltitando sobre a água. O seu corpo respondeu instintivamente. A sua pele ficou sensível e a sua respiração acelerou.

Ela começou a tremer sob o peso do olhar de Caulfield. Embora desejasse fugir daquela intimidade descoberta, não era capaz de se mover. Era impossível, mas parecia que ele olhava através dela, por detrás da fachada forjada pela mão do seu pai.

O laço que a prendia ali quebrou apenas quando Caulfield terminou. O ronco dele no último movimento de ataque agiu como uma espora nos flancos dela. Correu então, agarrada ao xaile com ambos os braços cruzados sobre os seios cheios e doridos. Quando *Temperance* saiu a correr de um arbusto para a cumprimentar, Jess soluçou de alívio. Pegando no cãozinho, ela apressou-se em direção ao caminho que a levava de volta para a mansão.

– Lady Jessica!

O chamamento do seu nome enquanto Jess voltava para a relativa segurança do jardim de trás levou-a a quase tropeçar. O seu coração disparou de novo por ter sido apanhada. Ela voltou-se, num turbilhão de saias de cetim azul pálido, procurando o dono da voz que a chamava e mortificada ao pensar que poderia ser Alistair Caulfield com um pedido de discrição. Ou pior, o seu pai.

– Jessica. Por Deus, andei a procurá-la por toda parte.

Ela ficou aliviada ao ver Benedict aproximando-se, vindo da direção da casa, mas esse alívio transformou-se em prudência. Ele deslocava-se através dos caminhos direitos do jardim com um passo tão vivo e determinado. Um arrepio atravessou-a. Estaria ele zangado?

– Passa-se alguma coisa? – perguntou cautelosamente, enquanto ele se aproximava, sabendo que devia ser por fazê-lo estar a procurá-la fora de casa àquela hora.

– A menina desapareceu há uma eternidade. Há meia hora, a sua criada disse que tinha saído para ir passear *Temperance* e já estava ausente há um quarto de hora quando perguntei.

Ela baixou o olhar para evitar qualquer suspeita de desafio.

– Peço desculpas por lhe ter causado preocupação.

– Não há necessidade de desculpas – declarou ele num tom seguro –, queria simplesmente falar consigo. Casamo-nos hoje e pretendia acalmar quaisquer nervos que pudessem afligi-la antes do evento.

Jess pestanejou e olhou para cima, temerosa por tal consideração.

– Meu senhor...

– Benedict – corrigiu ele, pegando-lhe na mão. – Está gelada até aos ossos. Onde tem estado?

A preocupação no seu tom de voz era inconfundível. Ela não estava certa do que responder ao início. A reação dele era tão diferente da que o seu pai teria tido.

Apanhada de surpresa pela sua própria confusão, ela começou a responder quase sem pensar. Enquanto contava como *Temperance* a conduzira numa divertida perseguição a um esquilo, Jess estudava o seu futuro cônjuge com mais atenção do que aquela que usara em muito tempo. Ele tornara-se um gancho na sua vida, uma obrigação que ela aceitara sem necessidade de uma profunda contemplação. Na medida em que fora capaz, ela passara a sentir-se confortável com a inevitabilidade de partilhar a vida com ele. Mas não se sentia confortável naquele momento. Continuava corada e agitada pela maneira com que Caulfield a tinha usado para alongar o seu próprio prazer.

– Eu teria ido consigo, se me tivesse pedido – disse Benedict quando ela terminou. Apertou-lhe a mão. – No futuro, peço que o faça.

Encorajada pela sua maneira gentil e pelos persistentes efeitos do vinho que bebera generosamente ao jantar, Jess insistiu de forma imprudente.

– *Temperance* e eu encontrámos outra coisa na floresta.

– Sim?

Ela contou-lhe sobre o casal no gazebo, com a voz baixa e hesitante, as palavras tropeçando umas nas outras, porque não tinha o vocabulário e a confiança necessários. Não falou da troca de moedas entre a condessa e Caulfield, nem divulgou as suas identidades.

Benedict não se moveu durante todo o tempo em que ela falou. Quando terminou, ele pigarreou e disse:

– Maldição, não me agrada que tenha estado exposta a coisas tão desagradáveis na véspera do nosso casamento.

– Eles não pareciam estar a achar o encontro desagradável. Ele corou.

– Jessica...

– Falou em acalmar os meus nervos – disse ela, rapidamente, antes de perder a coragem. – Eu gostaria de ser sincera consigo, mas tenho medo de ultrapassar os limites da sua paciência.

– Avisá-la-ei, se esse limite for atingido.

– De que maneira?

– Perdão? – Benedict franziu a testa.

Jess engoliu em seco.

– De que maneira me avisará? Com uma palavra? Uma perda de privilégios? A-algo mais... rígido?

Ele ficou hirto.

– Eu nunca lhe tocara ou em qualquer outra mulher, e de certeza que nunca iria culpá-la por ser sincera. Espero vir a ser muito mais tolerante consigo do que com qualquer outra pessoa de meu conhecimento. A menina é uma grande recompensa para mim, Jessica. Esperei com impaciência o dia em que seria minha.

– Porquê?

– É uma mulher bonita – disse abruptamente.

Ela foi varrida por uma grande espanto, seguido por uma onda de esperança inesperada.

– Meu senhor, ficaria descontente ao saber que rezo para que o aspeto físico do nosso casamento seja... agradável? Para ambos.

Deus sabia que ela não seria capaz de se divertir como Lady Trent fizera. Tal comportamento não estava na sua natureza.

Ele demonstrou o seu desconforto com o tema puxando o elegante nó da gravata.

– Sempre tive a intenção de o fazer dessa maneira. *Vou* fazê-lo dessa maneira, se confiar em mim.

– Benedict...

Inalou o aroma impregnado nele – almíscar, tabaco e um fino porto. Apesar de vaguear através de uma discussão que nunca teria esperado ter com a sua delicada mulher, as respostas dele eram tão diretas como o seu olhar. Ela gostava mais dele a cada momento que passava.

– Está a colaborar tão bem nesta conversa. Não posso deixar de me perguntar até onde posso pressioná-lo.

– Por favor, fale à vontade – insistiu ele. – Quero que chegue ao altar sem dúvidas ou reservas.

Jess disse tudo de uma vez:

– Gostava de me retirar consigo para a casa de veraneio à beira do lago. Agora mesmo.

A respiração dele estava rígida, assim como as suas feições. A pressão da mão dele aumentou sobre a dela de uma forma quase dolorosa.

– Porquê?

– Já o irritei. – Desviando o olhar, ela recuou. – Perdoe-me. E suplico-lhe que não duvide da minha inocência. Já é tarde e não estou em mim.

Benedict trouxe a mão dela ao peito, puxando-a de novo para junto dele.

– Olhe para mim, Jessica.

Fez o que ele pedia e sentiu-se tonta por tanta consideração. Ele já não olhava para ela com desconforto ou preocupação.

– Estamos a algumas horas do leito de núpcias – recordou-lhe ele com a voz mais rouca que ela já ouvira. – Vejo que os acontecimentos que presenciou na floresta desencadearam reações

que ainda não entende, e não consigo dizer-lhe como me afeta aperceber-me que sentiu fascínio como resposta e não repulsa, como algumas mulheres poderiam sentir. Mas está prestes a ser minha mulher e merece o respeito próprio desse estatuto.

– Não me respeitaria na casa de verão?

Durante o intervalo de um batimento cardíaco, ele pareceu ter sido apanhado de surpresa. Depois, inclinou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. O som grave e expressivo ecoou pelo jardim. Jess estava maravilhada pela forma como a alegria o transformava, tornando-o mais acessível e, se possível, mais bonito.

Puxando-a ainda mais perto, Benedict pressionou os lábios na sua fronte.

– É um tesouro.

– Pelo que percebo – sussurrou ela, aninhando-se no seu calor –, o dever encontra-se no leito conjugal, enquanto o prazer existe fora dele, com amantes. Revelarei eu um defeito no meu carácter, confessando que prefiro que me queira como amante em vez de como esposa, no que diz respeito à cama?

– A menina não tem defeitos. É tão perfeita como qualquer mulher que eu já tenha visto ou conhecido.

Ela estava longe de ser perfeita, como comprovava a angústia de uma mudança que se dera no interior das suas coxas. Aprender a disfarçar os seus defeitos tornara-se uma necessidade.

O que teria Caulfield pensado de ela estar aberta a ter aceitado o seu pedido para o observar? Como reconhecera ele um aspeto da sua personalidade que ela própria não conhecia?

Ele conseguira-o, no entanto, e Jess sentia um alívio vertiginoso ao saber que Benedict não achara a sua súbita percepção de si própria ameaçadora ou indesejável. A tolerância do seu noivo provocou-lhe uma ousadia pouco vulgar.

– É possível que pudesse vir a encontrar tal interesse em mim?

– Mais do que possível.

A boca de Benedict fechou-se sobre a dela, que engoliu as palavras de alívio e gratidão que queria dizer. Foi um beijo interrogador, carinhoso e cauteloso, embora seguro. Ela pegou-o pela lapela do casaco, o peito pesando-lhe pelo esforço de encontrar o ar que ele lhe roubava.

A língua dele deslizou pelo contorno dos seus lábios, excitando-os depois. Quando ele entrou na sua boca com um impulso rápido, os joelhos dela ficaram sem força. Ele apertou-a mais contra ele, revelando a sua urgência na dureza da elevação que pressionava a coxa dela. Os dedos dele afagaram a sua pele, traindo uma crescente agitação. Quando se afastou e encostou a sua testa na dela, tinha a respiração ofegante.

– Deus me ajude – disse ele asperamente. – Por mais inocente que seja, seduziu-me, no entanto, com uma habilidade comprovada.

Levantando-a nos braços, levou-a rapidamente para a casa de veraneio.

Sensível à situação tensa, *Temperance* caminhava silenciosamente ao lado deles. Então, ela esperou no varandim com uma docilidade nostálgica e assistiu ao nascer do Sol.

Capítulo 1

Sete anos depois...

– Imploro-te que reconsideres.

Jessica, Lady Tarley, pegou na mão da irmã por cima da pequena mesa de chá na sala de estar da família Regmont e deu-lhe um breve aperto.

– Sinto que devo ir.

– Porquê? – Os cantos da boca de Hester viraram para baixo.

– Eu entenderia se Tarley estivesse contigo, mas agora que ele morreu... É seguro viajares sozinha uma distância tão grande?

Era uma pergunta que Jess se fazia muitas vezes, mas a resposta era discutível. Ela estava determinada a ir. Tinha-lhe sido dado um curto intervalo de tempo em que poderia fazer alguma coisa de extraordinário. Era muito duvidoso que lhe viesse a ser apresentada essa oportunidade novamente.

– É claro que é seguro – disse ela, endireitando-se. – O irmão de Tarley, Michael, deveria acostumar-me a referir-me a ele como Tarley agora, fez os preparativos para a viagem e eu vou ser recebida nas docas por alguém de confiança. Tudo correrá bem.

– Eu não estou tranquila.

Brincando com a asa da sua chávena de chá com motivos florais, Hester parecia pensativa e triste.

– Uma vez quiseste viajar para lugares distantes – lembrou-lhe Jess, detestando ver a irmã tão angustiada. – Perdeste essa vontade?

Hester suspirou e olhou para fora da janela ao lado dela. Através da transparência das cortinas, que proporcionavam alguma privacidade, podia ver-se o fluxo constante do tráfego de Mayfair à frente da casa, mas a atenção de Jess estava focada apenas na irmã. Hester tinha amadurecido e transformara-se numa bela jovem, elogiada pelo seu charme de ouro e pelos deslumbrantes olhos verdes emoldurados por umas espessas pestanas escuras. Tivera, em tempos, mais curvas do que Jess e fora também mais viva, mas os anos tinham suavizado ambas as características, formando uma mulher magra como um junco e serenamente elegante. A condessa de Regmont adquirira uma reputação com uma reserva notável, o que surpreendia Jess a pensar em como seria Lorde Regmont encantador e divertido. Ela culpou o seu pai pela mudança, o maldito orgulho dele e a sua misoginia.

– Pareces pálida e abatida – observou Jess. – Sentes-te mal?

– Lamento muito a tua perda. E, devo confessar, não tenho dormido bem desde que anunciaste a tua intenção de viajar. – Hester olhou de volta para ela. – Eu simplesmente não consigo compreender os teus motivos.

Passara quase um ano desde que Benedict morrera, e fora um alívio, porque estivera gravemente doente durante os três meses anteriores. Tinha havido tempo suficiente para Jess alcançar um estado de resignação para com a vida sem ele. Ainda assim, o luto perseguira-a como névoa sobre a água.

Os olhares da família e dos amigos sugeriam-lhe que deixasse o passado para trás e ela não fazia ideia de como lhes corresponder.

– Preciso de me distanciar do passado para poder agarrar o futuro.

– Com certeza que seria suficiente uma pessoa retirar-se para o campo?

– Não foi suficiente para mim no inverno passado. Agora temos uma nova temporada em cima de nós e ainda estamos todos encurralados debaixo desta nuvem que paira sobre mim. É necessário para mim romper com a rotina em que caí, para que todos possam seguir em frente com a vida como nós agora a encaramos.

– Por Deus, Jess – Hester respirou, parecendo pálida –, não podes querer dizer que nos deves deixar, como Tarley fez, para sarar as feridas de toda a gente. Ainda és jovem e podes casar. A tua vida está longe de terminar.

– Concorde. Peço que não te preocupes comigo.

Jess reabasteceu a chávena de Hester e colocou dois cubos de açúcar.

– Ficarei fora apenas o tempo suficiente para tomar as providências necessárias para a venda da plantação. Devo voltar refrescada e revitalizada, o que, por sua vez, irá revigorar todos os que me amam e se preocupam muito comigo.

– Ainda não consigo acreditar que ele te deixou aquele sítio. Em que pensava ele?

Jessica sorriu carinhosamente, os olhos a moverem-se pela alegre sala de estar, com as suas cortinas de seda amarela e alguns apontamentos florais azuis. Hester transformara o espaço logo após o seu casamento e aquele estilo refletia o otimismo tão inato nela.

– Ele queria que eu fosse totalmente autossuficiente, e foi um gesto sentimental. Tarley sabia o quanto adorei a nossa viagem a Calypso.

– O sentimentalismo é todo muito bom, até te enviar para uma viagem ao outro lado do mundo – murmurou Hester.

– Como já disse, eu *quero* ir. Chego ao ponto de dizer que *preciso* de ir. É uma espécie de despedida para mim.

Resmungando, Hester, finalmente, rendeu-se.

– Prometes escrever e voltares assim que fores capaz?

– É claro. E tu prometes escrever de volta.

Hester anuiu e pegou no pires e na chávena. Ela bebeu o chá quente num trago grosseiro. Uma bebida fortificante.

Jess compreendia. Precisava de um pouco daquilo perante a aproximação do aniversário da morte de Tarley.

– Vou trazer-te presentes – prometeu ela num tom deliberadamente leve, na esperança de conseguir um sorriso.

– Basta trazes-te a ti própria de volta – admoestou Hester com o dedo.

O gesto fazia tanto lembrar a infância delas. Jess não pôde resistir a perguntar:

– Virás atrás de mim, se eu tardar a voltar?

– Regmont nunca o permitiria. No entanto, eu poderia provavelmente convencer alguém a ir atrás de ti. Talvez algumas das damas que estão tão preocupadas com o teu bem-estar?

Jess fingiu um arrepio.

– Um ponto para ti, irmã cruel. Voltarei rapidamente.

Alistair Caulfield estava de costas para a porta do escritório do seu armazém quando ela se abriu. Uma rajada tingida de sal soprou pelo ar, arrebatando-lhe das mãos os documentos que estava prestes a arquivar. Apanhou-os com destreza e olhou por cima do ombro. Uma assustadora sensação de reconhecimento passou por ele.

– Michael.

Os olhos do novo Lorde Tarley arregalaram-se com uma igual surpresa e um meio-sorriso cansado apareceu-lhe na boca.

– Alistair, seu canalha. Não me disseste que estavas na cidade.

– Apenas regressei. – Introduziu a documentação na pasta apropriada e fechou a gaveta. – Como está, meu senhor?

Michael tirou o chapéu e passou a mão pelo cabelo castanho-escuro. A assunção do título Tarley parecia pesar sobre os

seus ombros largos, afundando-o como Alistair nunca vira antes. Estava vestido sobriamente em tons de castanho, e ele fletiu a mão esquerda, que tinha o anel de sinete dos Tarley, como se não se conseguisse acostumar a tê-lo lá.

– Como seria de esperar, dadas as circunstâncias.

– As minhas condolências para ti e para a tua família. Recebeste a minha carta?

– Recebi. Obrigado. Quis responder, mas o tempo está tão esticado. O ano passado correu tão rapidamente, ainda tenho de recuperar o fôlego.

– Compreendo.

Michael acenou com a cabeça.

– Que prazer ver-te novamente, meu amigo. Foste para longe durante demasiado tempo.

– Vida de comerciante.

Ele poderia ter delegado mais as suas funções, mas permanecer em Inglaterra significava cruzar-se com o seu pai e com Jessica. O pai queixava-se do sucesso de Alistair como comerciante tão veementemente como reclamara em tempos da falta de objetivos da parte de Alistair. E fora uma grande fonte de preocupação para a sua mãe, que ele só conseguira aliviar estando tão ausente quanto possível.

Quanto a Jessica, tivera o cuidado de o evitar sempre que estavam mais próximos. Ele tinha aprendido a retribuir, ao ver como o casamento com Tarley a mudara. Embora permanecesse tão calma como sempre na sua postura, ele vira o desabrochar da sua natureza sensual na maneira lânguida como se movimentava e a sabedoria naqueles grandes olhos cinzentos. Outros homens ambicionavam o mistério mais escondido dela, mas Alistair tinha visto por detrás do véu e era aquela a mulher que ele desejava. Para sempre fora do seu alcance na realidade, mas um desafio para a sua cabeça. Abrasava-lhe a memória, pelo desejo ardente e pelas impressões da sua juventude, e os anos não tinham diminuído as vívidas recordações do que uma pessoa testemunha.

– Sinto-me agradecido pela tua sensibilidade empreendedora – disse Michael –, os teus comandantes são os únicos a quem eu confiaria a viagem segura da minha cunhada para a Jamaica.

Alistair manteve o seu rosto impassível graças a uma prática considerável, mas uma consciência repentina pôs-lhe a expressão facial tensa.

– Lady Tarley pretende viajar para Calypso?

– Sim. Já esta manhã, é por isso que estou aqui. Tenho a intenção de falar com o capitão e ver se ele cuida dela até chegarem.

– Quem viaja com ela?

– Só a criada. Gostaria de a acompanhar, mas não posso sair agora.

– E ela não poderá adiar?

– Não. – Michael curvou a boca ironicamente. – E eu não posso dissuadi-la.

– Não se lhe consegue dizer que não – concordou Alistair, dirigindo-se para a janela através da qual podia ver as docas de West India. Os navios entravam na Doca Norte para descarregar as suas preciosas importações, e, em seguida, navegavam até à Doca Sul para serem reabastecidos com carga para exportação. Em todo o perímetro, um muro alto de tijolos detinha a praga desenfreada de roubos que assolava o cais de Londres. A mesma parede aumentava a publicidade da empresa de transportes junto dos proprietários das Índias Ocidentais, que exigiam um transporte seguro das mercadorias.

– Nem Hester. Perdão, Lady Regmont.

Esta referência foi dita com dificuldade. Alistair suspeitava há muito tempo que o seu amigo tinha sentimentos mais fortes pela irmã mais nova de Jessica e assumira que Michael usaria toda a sua habilidade. Em vez disso, Hester fora cortejada e, logo a seguir, desposada, quebrando os corações de muitos esperançados pretendentes apaixonados.

– Porque está ela tão determinada a ir?

– Benedict deixou-lhe a propriedade. Ela alega que deve ver a sua venda pessoalmente. Temo que a perda do meu irmão a tenha afetado profundamente e ela procura um objetivo. Tentei servir-lhe de âncora, mas o dever levou-me a perder a capacidade de o fazer.

A resposta de Alistair foi cuidadosamente neutra.

– Posso ajudá-la nessa tarefa. Posso fazer as apresentações necessárias, bem como fornecer-lhe informações que ela levaria meses para descobrir.

– Uma oferta generosa – o olhar de Michael mostrava curiosidade. – Mas acabaste de voltar. Não te posso pedir para partires outra vez tão cedo.

Virando-se, Alistair disse:

– A minha plantação faz fronteira com Calypso e eu gostaria de a expandir. Espero posicionar-me como o melhor comprador da propriedade. Pagar-lhe-ei generosamente, é claro.

A expressão de Michael mostrou alívio.

– Isso aliviar-me-ia consideravelmente a cabeça. Vou falar com ela imediatamente.

– Talvez devesse deixar isso para mim. Se, como dizes, ela precisa de um objetivo, então vai querer manter o controlo do assunto de qualquer maneira. Devia ser autorizada a definir os termos e o ritmo da nossa associação da forma que melhor se adequa a ela. Eu tenho todo o tempo do mundo, mas tu não. Trata dos teus assuntos mais urgentes e confia-me Lady Tarley.

– Foste sempre um bom amigo – disse Michael. – Rezo para que voltes para Inglaterra rapidamente e te estabeleças por um tempo. Eu poderia usar os teus ouvidos e a tua cabeça para os negócios. Entretanto, por favor, incentiva Jessica a escrever muitas vezes e mantém-me a par da situação. Gostaria de vê-la voltar antes de nos retirarmos para o campo no inverno.

– Farei o meu melhor.

Alistair esperou alguns minutos após Michael ter partido e dirigiu-se depois para a secretária. Começou uma nova lista de provisões para a viagem, determinado a criar o melhor ambiente possível. Fez também alguns rápidos ajustes dispendiosos na lista de passageiros, deslocando dois viajantes adicionais para outro dos seus navios.

Ele, Jessica e a criada seriam os únicos membros a bordo do *Acheron* exteriores à tripulação.

Ela estaria alojada numa cabina próxima durante semanas, era uma oportunidade extraordinária que Alistair estava determinado a não desperdiçar.

* * *

Do conforto familiar da sua carruagem, Jessica observava o elegante navio diante dela, o olhar seguindo a orgulhosa linha do convés polido e a altura elevada dos seus três mastros. Era um dos mais impressionantes navios atracados, o que já devia esperar, considerando como Michael estava ansioso sobre ela fazer a viagem. Ele faria um grande esforço para garantir o seu conforto e bem-estar. Suspeitava que o fazia afligir-se andar a pairar sobre a viúva do irmão, mas essa era uma das consequências de ter perdido Tarley que a fazia querer fugir.

O cheiro do oceano trouxe-lhe a atenção de volta para as docas laboriosamente ruidosas de West India. Uma excitação fazia o seu coração bater, ou talvez fosse apreensão. A sociedade na exuberante ilha caribenha, tal como era, teria menos noções preconcebidas sobre ela e o ritmo e a estrutura das interações sociais eram mais relaxados. Olhou para a frente para desfrutar alguns momentos de solidão depois dos últimos meses de um bem-intencionado estrangulamento.

Jess observou como, numa rápida sucessão, os seus criados lhe carregavam as malas pela prancha até ao convés principal. O azul brilhante dos uniformes dos criados de Pennington era

bem visível entre os trajas menos coloridos dos marinheiros em volta.

Num ápice deixou de haver razão para ela se demorar mais na carruagem.

Desceu com a ajuda de um criado, alisou as saias de seda de um lavanda pálido e depois avançou sem olhar para trás. Quando alcançou o convés, ela sentiu o movimento ondulatório do navio debaixo dos seus pés e levou uns momentos a absorver a sensação.

– Lady Tarley.

Jess virou a cabeça e viu um corpulento e distinto cavaleiro aproximando-se. Mesmo antes de ele falar, a roupa indicou que era o capitão.

– Capitão Smith – apresentou-se, aceitando, com uma vénia, a mão que ela lhe oferecia. – É um prazer tê-la a bordo, minha senhora.

– O prazer é meu – assentiu, devolvendo o sorriso que ele oferecia das profundezas de uma barba grossa branca. – O senhor comanda um navio impressionante, capitão.

– Sim, isso é. – Ajeitou o chapéu para olhar melhor para ela. – Sentir-me-ia honrado se a senhora se juntasse a mim para as refeições da noite.

– Gostaria muito, obrigada.

– Excelente. – Smith apontou para um jovem marinheiro. – Antes, o Miller irá mostrar-lhe a sua cabina. Se tiver dúvidas ou alguma preocupação, pode perguntar-lhe.

– Fico muito grata.

O capitão foi preparar-se para zarpar e Jess virou-se para Miller, que calculou não ter mais que dezassete anos.

– Minha senhora. – Ele apontou para a frente, indicando uma escada que seguia para a parte de baixo do convés. – Por aqui.

Ela seguiu-o até lá, fascinada pela coragem dos homens que escalavam o cordame como pequenos caranguejos trabalhadores.

Mas, enquanto descia as escadas, a sua admiração foi redirecionada para o impressionante interior do navio.

Os painéis do corredor brilhavam de tão polidos assim como as ferragens das portas e dos candeeiros. Ela ficara incerta sobre o que esperar, mas aquela atenção para com os pormenores era uma surpresa e um prazer. Miller parou a uma porta, bateu e a criada de Jess, Beth, gritou-lhe que tinha permissão para entrar.

A cabina em que Jess entrou era pequena, mas bem decorada. Tinha uma cama estreita, uma janela retangular de tamanho modesto, e uma mesa de madeira com duas cadeiras. No fundo de uma das suas malas havia um caixote com o seu vinho favorito. Apesar de ser o espaço mais pequeno que ela já ocupara como dormitório, achou os limites da cabina confortáveis. E estava profundamente agradecida que, nas semanas seguintes, pelo menos, não tivesse de antecipar como responder aos outros de maneira a que se sentissem melhor.

Entrando, desapertou o alfinete que lhe segurava o chapéu e entregou as duas coisas a Beth. Miller prometeu voltar às seis para a conduzir ao jantar e voltou a sair para o corredor. Depois de a porta se fechar, o olhar de Jess encontrou o de Beth. A criada mordeu o lábio inferior e girou numa rápida circunferência.

– Esta é uma grande aventura, minha senhora. Tenho saudades da Jamaica desde que saímos.

Jess expirou para aliviar o nó no estômago, depois sorriu.

– E de um certo jovem.

– Sim – concordou a criada –, também.

Beth tinha sido uma bênção nos últimos dias, mantendo o espírito de Jess animado enquanto todos à sua volta tinham desaprovado tanto os seus planos.

– Uma aventura – repetiu Jess. – Acho que vai ser, sim.

Quando bateram à porta da cabina um pouco antes das seis, Jess pôs de lado o livro que estava a ler e deteve-se, com alguma

relutância. Beth remendava uma meia no outro lado da pequena mesa. Como aquela companhia tranquila fora bem-vinda...

Deixando o seu trabalho de lado, Beth foi atender a porta. Quando esta se abriu, apareceu o jovem rosto de Miller. Ele sorriu timidamente, mostrando um pouco os dentes tortos. Jess dispensou Beth para desfrutar a sua própria refeição e seguiu o jovem tripulante para a cabina principal do capitão. Quando se aproximavam da porta larga que assinalava o fim do corredor, as notas queixosas de um violino cresceram de volume. O instrumento era tocado de uma forma sublime, a melodia doce, mas, mesmo assim, assombrosa.

Encantada com a música, ela apressou o passo. Miller bateu uma vez e abriu a porta sem esperar por uma resposta. Ele deu-lhe passagem para a cabina, de um tamanho considerável, com um gesto galante do braço.

Ela entrou com um hábil sorriso, os olhos localizando o capitão Smith sentado a uma longa mesa de jantar, juntamente com outros dois cavalheiros que lhe foram apresentados como o imediato e o cirurgião do navio. Trocou os esperados cumprimentos e voltou a sua atenção para o tocador de violino. Estava de costas para ela, diante das grandes janelas que emolduravam a popa do navio. Estava sem fraque, o que fez com que ela desviasse apressadamente o olhar. Mas, quando o capitão se aproximou para a conduzir até à mesa, ela arriscou outro olhar furtivo para o cavalheiro escandalosamente meio vestido. Sem uma cauda no casaco que lhe tapasse o olhar, era-lhe oferecida uma vista privilegiada do traseiro do homem, que era bastante notável. Não era uma parte da anatomia masculina que ela tivesse motivos para ter estudado antes. Descobriu que lhe agradava bastante devorar com os olhos tal sítio, quando as nádegas que se apresentavam eram tão firmes e bem torneadas.

Enquanto conversava com os oficiais do navio, Jess olhava com frequência para o músico de cabelo escuro que fazia sair aquelas bonitas notas do violino. O movimento fluido que o seu

braço praticava fazia com que as costas e os ombros se fletissem de uma forma que sempre a fascinara. O corpo masculino era tão maior e mais poderoso do que o de uma mulher, capaz de uma luta violenta e, ao mesmo tempo, elegante e gracioso.

A música terminou. O músico voltou-se para devolver o violino e o arco à caixa, que esperava na cadeira ao seu lado. Jess teve um vislumbre rápido do seu perfil. Um arrepio causado por essa tomada de consciência varreu-lhe a pele. Ele recolheu o casaco da cadeira onde estava e colocou-o nos ombros.

Ela nunca tinha pensado que o ato de ver alguém vestir a roupa pudesse ser tão excitante como ver despi-la, mas este homem fazia com que isso acontecesse. A graciosa moderação dos seus movimentos era inerentemente sensual, o que assentava na perfeição naquele ar de confiança e comando inabaláveis.

– E este – disse o capitão, dirigindo levemente um gesto ao cavalheiro – é Mister Alistair Caulfield, proprietário deste fino navio e um brilhante violinista, como pôde ouvir.

Jess juraria que o seu coração parou de bater por um momento. De certeza que terá parado de respirar. Caulfield olhou para ela e esboçou um sorriso elegante, executado na perfeição. No entanto, nunca baixou a cabeça e os olhos nunca deixaram os dela.

Bom Deus...